

COLUNA

OMO IGBO, FOLHA E TAMBOR: A AMAZÔNIA NEGRA DE MESTRE SACACA INCORPORADA NA MANGUEIRA

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹
Eliezer Gonçalves Cordeiro²

Quando a Mangueira resolve falar de floresta, não espere paisagem parada nem bicho em pose de documentário. A verde-e-rosa vai fazer o que sabe melhor: dar corpo, voz e história ao que o Brasil insiste em tratar como fundo do mapa. Em 2026, a escola aponta o dedo — com afeto e firmeza — para a Amazônia Negra, essa parte da floresta que muita gente finge que não vê, e nos apresenta um guia nada turístico: Mestre Sacaca. Sacaca não era influencer do mato nem guru de prateleira gourmet. Era homem de saber acumulado, desses que aprendem com o tempo, com a escuta, com a observação do corpo e da comunidade. Amapaense, guardava conhecimentos sobre ervas, seivas, raízes e folhas não como segredo de poder, mas como prática de cuidado. Não curava sozinho: cuidava junto. Seu trabalho misturava saúde, fé, afeto e responsabilidade coletiva — tudo aquilo que a medicina oficial costuma esquecer quando vira só protocolo.

¹ Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Professor Substituto na UERJ; Mestrando em Educação (UFRRJ).

E aqui começa a provocação mangueirense: chamar isso de “simpatia” ou “crença popular” sempre foi uma forma educada de diminuir. Mestre Sacaca operava num outro regime de saber, onde o corpo não é máquina isolada e a doença não é só defeito técnico. Ele entendia que adoecer também é social, histórico, ambiental. O que hoje aparece em congresso com nome em inglês, ele praticava no cotidiano, de chinelo e escuta atenta. A Mangueira, escola que nunca teve medo de comprar briga com a história oficial, faz um movimento cirúrgico: desloca a Amazônia do lugar de natureza muda e coloca no centro os sujeitos negros que a constroem, cuidam e conhecem. Não é a floresta intocada do imaginário publicitário; é a floresta habitada, atravessada por práticas afro-amazônicas, por saberes que sobreviveram apesar do apagamento, da colonização e da deslegitimação sistemática. E vamos falar sério — com ironia, claro: o Brasil adora exportar a Amazônia como símbolo, mas engasga quando precisa reconhecer quem produz conhecimento nela. Mestre Sacaca nunca precisou de carimbo acadêmico para ser autoridade. Seu reconhecimento veio da fila na porta, da confiança da comunidade, do resultado vivido. Talvez por isso incomode tanto: ele prova que ciência também nasce fora do laboratório e que nem todo saber cabe em artigo indexado.

Leitor/a, agora vamos tirar o mato do discurso — porque floresta também é política. Falar da Amazônia Negra, hoje, sem lembrar do abandono deliberado que a região sofreu no governo Bolsonaro seria fazer desfile bonito com fantasia furada. Aqueles anos foram de descuido travestido de bravata: desmontaram órgãos de fiscalização, trataram povos tradicionais como obstáculo ao “progresso” e transformaram a floresta em inimiga ideológica. A Amazônia virou palco de negacionismo ambiental, desprezo científico e silêncio cúmplice diante da devastação. Verde, ali, só se fosse no logotipo. Enquanto isso, os saberes que sustentam a floresta — como os de Mestre Sacaca — eram empurrados para o lugar do atraso. A lógica era simples e cruel: se não passa pelo crivo do mercado, não vale; se não vira lucro rápido, é descartável. Resultado? Territórios vulnerabilizados, comunidades abandonadas e uma política que preferiu o som da motosserra ao da vida pulsando. A Mangueira, ao exaltar a Amazônia Negra,

faz o oposto: lembra que floresta sem gente é ficção conveniente — e gente sem cuidado é projeto de morte. Mas é preciso ir mais fundo no tempo. Muito antes de qualquer governo, de qualquer fronteira nacional, os primeiros povos que habitaram aquela região já dominavam saberes medicinais sofisticadíssimos. Conheciam plantas que curam, raízes que aliviam, seivas que cicatrizam, folhas que protegem. Sabiam ler o corpo e o território como sistemas interligados. Não era “tentativa e erro”: era observação acumulada, transmissão oral rigorosa e prática cotidiana. Um conhecimento que levou séculos para se construir — e minutos para ser deslegitimado pelo colonizador.

Quando a Mangueira coloca essa história na avenida, ela faz mais do que denúncia: faz reposicionamento. Diz que a Amazônia não começou no discurso ambiental europeu nem terminou no desmonte recente. Diz que há uma ciência negra, indígena e popular que resistiu à colonização, ao desprezo estatal e ao obscurantismo político. E lembra, com a força de um samba atravessado, que governar contra a floresta é governar contra a vida — e contra a própria história do país. Agora, vamos cantar um pouquinho com o samba da escola de 2026? Vamos lá:

Finquei minha raiz

No extremo norte onde começa o meu país

As folhas secas me guiaram ao turé

Pintada em verde-e-rosa, jenipapo e urucum

Árvore-mulher, mangueira quase centenária

Uma nação incorporada

Herdeira quilombola, descendente palikur

Regateando o Amazonas no transe do caxixi

Corre água, jorra a vida do oiapoque ao jari

Çai erê, babalaô, mestre sacaca

Te invoco do meio do mundo pra dentro da mata

Salve o curandeiro, doutor da floresta

Preto velho, saravá

Macera folha, casca e erva

Engarrafa a cura, vem alumiar

Defuma folha, casca e erva... Saravá

Negro na marcação do marabaixo

Firma o corpo no compasso

Com ladrões e ladainhas que ecoam dos porões

Ergo e consagro o meu manto

Às benções do espírito santo e são josé de macapá

Sou gira, batuque e dançadeira (areia)

A mão de couro do amassador (areia)

*Encantaria de benzedeira que a amazônia negra
eternizou*

No barro, fruto e madeira, história viva de pé

Quilombo, favela e aldeia na fé

*De yá, benedita de oliveira, mãe do morro de
Mangueira*

Ouçá o canto do uirapuru

*Yá, benedita de oliveira, benze o morro de
Mangueira*

E abençoe o jeito tucuju

A magia do meu tambor te encantou no jequitibá

Chamei o povo daqui, juntei o povo de lá

Na estação primeira do Amapá

(Mangueira, 2026)